

CORPO E CONSUMO: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Valdiney Marques de Oliveira¹, Wesley Luiz Delconti²

RESUMO: O consumismo é o foco da sociedade capitalista na atualidade e a mídia é seu veículo. O objetivo desta pesquisa foi identificar a influência da mídia na relação corpo e consumo e suas implicações para a Educação Física Escolar a partir de análise bibliográfica. Existem diversos autores que abordam o assunto e dão conta de que o efeito da difusão do consumismo da sociedade capitalista assume um papel influenciador no que diz respeito à formação do indivíduo e da sociedade. Fato este que trouxe conseqüências para a Educação Física Escolar, sobretudo no que tange a visão de corpo. A estética ditada pela mídia e a competição mercadológica ditam padrões de beleza que influenciam os ideais de educação, saúde e inclusão, aspectos estes importantes para a Educação Física Escolar enquanto componente curricular. A ideologia do senso comum presente na prática cotidiana dos alunos revela os ideais de consumismo ditados pela mídia a serviço do mercado capitalista. O grande desafio é que por outro lado, a escola deve formar cidadãos críticos e não vê-los apenas como produto do meio. Conclui-se que, por meio das aulas de Educação Física, é possível contribuir para a promoção de educação, saúde, inclusão e qualidade de vida, a partir de uma problematização crítica dos padrões de beleza e competitividade ditados pela mídia. Para tanto, os professores de Educação Física devem estar comprometidos com a melhoria de suas aulas, embasando teoricamente a ação docente e unir a teoria e a prática.

PALAVRAS-CHAVE: Visão de Corpo; Mídia; Aulas de Educação Física.

1 INTRODUÇÃO

O consumismo é o foco da sociedade capitalista e a mídia é seu veículo. O pensamento da sociedade é que determina os ideais de corpo. Assim o corpo ideal na história da humanidade foi sempre adequação ao modelo exigido por cada sociedade. O tipo de corpo esperado pela sociedade é o que se adapte às suas necessidades imediatas, sejam elas relacionadas ao trabalho, à religião, à guerra ou a estética (MATA, 1999).

Não se pensou no ser, mas no ter. Quando se fala do ser, logo vem a pauta que o corpo que cada um possui não caracteriza o que ele é. O corpo está sujeito a ação do tempo e as mudanças inevitáveis e imprevisíveis. Quando o mercado impõe um modelo de corpo ideal, impera ali a marginalidade, uma vez que nem todos podem “comprar” o tal modelo, e os que o “compram”, fazem em prejuízos de outros fatores e por um tempo limitado. O auge de modelos é tão rápido e deixa marcas eternizadas na sociedade como a desvalorização do ser.

¹ Acadêmico do Curso Educação Física do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. Programa de Iniciação Científica do Cesumar (PICC). valdiney31@hotmail.com

² Orientador, docente do curso de Educação Física do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. wdelconti@cesumar.br

Sendo a sociedade atual consumista, logicamente o que se interessa vender é a imagem do corpo que consome. O corpo feminino, por exemplo, foi tão intimamente ligado ao consumo que sua imagem vende desde cerveja até chinelo. O corpo da modelo é anoréxico para vender grifes, ao ponto que o corpo masculino musculoso é para vender aparelhos, medicamentos e suplementos. A anorexia e o halterofilismo não representam saúde, mas estética, vendendo uma imagem desejada e que vende produtos para as mais diversas finalidades (FUGIKAWA, 2006).

Silva Junior et al (2005, p. 4) afirma que o consumismo dirige a educação e se transforma na pedagogia social manipulando o corpo como a mídia deseja. Educar para ser gente, significa muito mais que seguir padrões que transformam o ser humano em produto, objeto e coisa. Quando a Educação Física na escola não apresenta uma definição clara sobre seu papel, ela acaba muitas vezes se reduzindo apenas como um momento recreativo de “rolar a bola”. Nesse aspecto, os alunos não entendem porque e nem como, mas o modelo de esporte “espetáculo” que a mídia transmite forja uma ideologia da busca do sucesso no futebol, elemento que traz um verdadeiro fascínio para esses alunos e seus pais. E ensinar jogar para competir e enriquecer, mesmo que seja a minoria que enriqueça, a mídia passa a imagem de sucesso total. Hoje a mídia também está mostrando as conseqüências da falta de base, educação e respeito pela vida, pelo ser e não apenas admiração do “sucesso”.

Diante disso, este trabalho teve por objetivo identificar as implicações que a mídia traz com o tema corpo e consumo para a Educação Física na escola, com a finalidade de implementar na escola uma nova ideologia no tocante a corpo, que desvinculhe do consumismo, coloque o ser acima do ter e trabalhe a Educação Física Escolar em conjunto com outras áreas interdisciplinares e multidisciplinares que venha fazer representação política da Educação Física e sua necessidade para a saúde, bem estar, qualidade de vida e diminuição de gastos com doenças.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi de Bibliográfica do tipo descritiva (MARTINS JUNIOR, 2008) acerca de Corpo e Consumo e suas implicações para a Educação Física Escolar. A busca de obras publicadas, e também artigos de alguns autores que trabalham o tema, publicados nas principais revistas da área, como forma de detectar as ideologias educacionais atuais na ordem dos conceitos. O trabalho procurou apresentar, embora sucintamente o contexto histórico do corpo, considerando as escalas de aplicabilidade do conceito-tema. As diferentes abordagens sobre Corpo, Consumo, Educação e especificamente Educação Física Escolar, serviram como forma de sistematizar a compreensão teórica e percepção social sobre Corpo e servir de referencial para o desenvolvimento de práticas de Educação Física Escolar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não está claro qual seja o ideal de corpo para a sociedade atual. Também não está claro o papel da Educação Física na Escola. Para muita gente, o professor de Educação Física tem que montar apresentações, descobrir talentos e formar atletas (JUNIA e VASCONCELLOS, 2009). Os conteúdos da Educação Física não podem ser vistos como fins em si mesmos e precisam ser aplicados a partir de uma pedagogia adequada que respeite o contexto escolar e curricular.

Fazendo uma breve retrospectiva histórica, o homem sempre utilizou-se de seu corpo para se adaptar ao ambiente, manter-se capaz de buscar alimentação, enfrentar o perigo, guerrear, ser capaz de desenvolver e utilizar a arte bélica para conquistar e defender seus territórios. Na Idade Média o ideal de corpo esteve ligado ao trabalho árduo, escravo e punido pelo pecado. Na Idade Moderna houve em primeiro momento em que o corpo deveria ser mecanizado, depois especializado para observar o movimento da industrialização sem maiores esforços (MATA, 1999).

Na sociedade atual o corpo se encontra num impasse e indefinição entre: saúde e beleza. O sedentarismo e o consumismo são ao mesmo tempo paradoxo e sinônimos. O capitalismo desenfreado apresenta o veneno e o remédio, o real e o ideal e faz da sua educação o consumo. Os profissionais de Educação Física na Escola são desafiados a enfrentar a mídia e formar cidadãos. Cidadão é sempre alguém consciente, capaz de interação, transformação e eticamente crítico.

Há um marco histórico na Educação Física Escolar, uma nova proposta educacional que foi construída a partir da década de 80 no Brasil, que visa desenvolver o ser humano por completo, não apenas para a esportivização, mas levando em consideração as dimensões cognitivas, psicomotoras e sociais (DARIDO et al, 2003). Quando se fala de saúde é importante saber que competição, esportes e treinamentos intensivos nunca foram e nunca serão saudáveis, ao contrário, têm sido comprovados os perigos, as perdas e os riscos à saúde por ter como foco a competitividade (FUGIKAWA, 2006 p. 50-56).

Florindo (1998, p.84-89) afirma que a “promoção em saúde, além de incluir a educação em saúde em suas ações, refere-se a mudanças muito mais amplas de ordem estrutural, que incluem ações políticas e econômicas”. Não basta apenas existir leis, mas recursos disponíveis para que a lei seja cumprida. Esses recursos incluem espaços, materiais, equipamentos, mas principalmente e profissionais capacitados.

Para Martins et al (2000 p. 3) há dois problemas para a Educação Física, o primeiro está ligado em dar ênfase as habilidades cognitivas, o que traria desprestígio para Educação Física dentro da Escola por não estar vinculada ao movimentar-se e as dimensões físico-corporais e o segundo coloca a Educação Física como responsável para difundir os valores éticos e morais da sociedade dominante. Assim a moda *fitness* e hábitos saudáveis mantém o plano econômico e social para formação do cidadão trabalhador. Os esportes, o consumo e a manifestação corporal passam ser essencial ao novo homem, o consumidor, o que justifica toda a propaganda e iniciativas governamentais e privadas.

Em meio a confusão de um plano e de outro, a Educação Física deve se localizar, entendendo seu lugar na Escola e na vida da sociedade. Esforços políticos educacionais convencionaram a Educação Física na grande área da Saúde. Estar inserida na grande área da Saúde é o maior trunfo que se tem hoje para alavancar mudanças radicais na educação. Matsudo (2007 p. 107) diz que as doenças são temidas e mais frequente em população cada vez mais nova.

A Educação Física na área da saúde tem a proposta de prevenção. Logicamente os exercícios físicos programados para grupos especiais ajudam na diminuição e cura de patologias, mas não é esse o principal foco da Educação Física. A saúde deve ser considerada na formação e mudança de hábitos de vida. A consciência de corpo por parte da sociedade resultaria em maior investimento em Educação, saúde preventiva e conseqüentemente menor gasto com doenças e patologias (FLORINDO, 1998).

A valorização do ser humano é o início de uma nova epistemologia. O ser deve estar antes do ter. O preço da lucratividade capitalista veiculada pela propaganda de

estereótipos são vidas, este tipo de ação se utiliza de todos os meios para vender e lucrar, não se importando com as conseqüências. Os resultados visíveis e estatísticos são: obesidade, doenças aliadas a esta, como por exemplo, pressão arterial elevada, diabetes, colesterol elevado, depressão e até mesmo a morte (MATSUDO, 2007).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) abordam o quadro atual da Educação Física como sendo passivo de confusão, interpretação liberal e distorcida, prevalecendo interesses econômicos e políticos em detrimento do valor de sua função de processo pleno educativo (BRASIL, 1998, pp. 26,27).

Não podemos ignorar o fato de que cidadania plena somente será exercida com a garantia de pelo estado de educação suficiente para exercer direitos e deveres. Educação Física com espaço, recursos materiais e profissionais qualificados é direito de cidadania, bem como parar com a veiculação de produtos e serviços que visam lesar o cidadão é dever do próprio cidadão crítico.

4 CONCLUSÃO

O caos da prática da Educação Física na escola é visível, mostrando que alunos e professores desejam mudar, mas não se sabe como, quando e nem por onde começar. Quando nos remetemos a história da Educação Física no Brasil, encontramos o processo, os motivos e as causas da construção e da desconstrução da Educação Física Escolar (BRASIL, 1998, pp. 21-26). Hoje, com seu espaço garantido dentro da grande área da saúde, a Educação Física pode articular parceria com a Nutrição, Fisioterapia e Psicologia, formando uma equipe multidisciplinar, até mesmo porque estas áreas não estão no currículo escolar e a Educação Física é componente curricular obrigatório.

Educar é formar a base para ir contrário a mídia que difunde o comércio de produtos nocivos à saúde, alimentos empobrecidos, que aliados ao sedentarismo afunilam diversos tipos de doenças. A conseqüente informação/desinformação pode ser amenizada por profissionais qualificados. As causas devem ser erradicadas e esta inicia pela educação escolar, atinge famílias e por fim a sociedade como um todo. Uma nova escola desencadeia numa nova sociedade e vice-versa.

REFERÊNCIA

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação, 1998.

DARIDO, Profa. Dra. Suraya Cristina et al 2003. **Saúde, Educação Física Escolar e a Produção de Conhecimentos no Brasil**. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/026.pdf>. Acesso em 20/06/2010.

FLORINDO, A. A. Educação física e promoção em saúde. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde** 1998; 3(1): 84-89.

FUGIKAWA, Cláudia Sueli Litz et al. **Educação Física: Ensino Médio**. Curitiba: SEED-PR, 2006.

JUNIA, Raquel; VASCONCELOS, Marcos. **Professores acreditam que falta de estrutura afasta estudantes da Educação Física**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:

<http://www.emdialogo.uff.br/materia/professores-acreditam-que-falta-de-estrutura-afasta-estudantes-da-educa%C3%A7%C3%A3o-f%C3%ADsica>. Acesso em 30/12/2009.

MARTINS, André Silva et al, 2000. **As “Novas Competências” como Definidoras dos Projetos de Educação e de Educação Física no Brasil Contemporâneo**. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/EDU/edu1427.htm>. Acesso em 12/05/2010.

MARTINS JUNIOR, Joaquim. **Como Escrever Trabalhos de Conclusão de Curso**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MATA, Vilson Aparecido. **Do Guerreiro ao Camponês: as transformações do corpo em Homero e Hesíodo. Teoria e Prática da Educação**. Maringá, v.1, n. 2, 1999, pp. 43-52.

MATSUDO, Sandra Mahecha; MATSUDO, Victor Kihan Rodrigues. **Atividade Física e Obesidade: prevenção e tratamento**. São Paulo: Atheneu, 2007.

SILVA JUNIOR, José Aelson et al. **A Moda na Carne Viva: Imagem, Corpo e Consumo: Aproximações Teóricas**. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/066.pdf>._> acesso em: 08/04/2009.